



DECRETO N.o. 6713 DE 30 DE SETEMBRO DE 1981.

DENOMINA PRÓPRIOS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1.969, Lei Orgânica dos Municípios,

DECRETA:

Artigo 1o. - Ficam denominados os seguintes próprios municipais:

I - "PRAÇA JOSÉ PLÍNIO GUIMARÃES" a Praça 1 do Parque São Quirino, circundada pela Avenida Hermina de A. Couto e Silva e Rua Bento de Arruda Camargo.

II - "RUA DR. PAULO DECOURT" a Rua 27 do Jardim Carlos Lourenço 2a. parte, com início na Rua 31 e término na Rua 35 do mesmo loteamento.

III - "RUA MIRIAN NAZARETH VILELA DE QUEIROZ" a Rua 28 do Jardim Carlos Lourenço 2a. parte, com início na Rua 27 e término na Rua 35 do mesmo loteamento.

IV - "RUA OSMUNDO BUENO DE ARRUDA" a Rua 29 do Jardim Carlos Lourenço 2a. parte, com início na Rua 28 e término na Rua 35 do mesmo loteamento.

V - "RUA FRANCISCO IGNÁCIO DE SOUZA" a Rua 30 do Jardim Carlos Lourenço 2a. parte, com início na Rua 27 e término na Rua 31 do mesmo loteamento.

VI - "RUA VERGLIO MARQUES" a Rua 36 do Jardim Carlos Lourenço 2a. parte, com início na Avenida 1 do Jardim Santa Eudoxia e término na Rua 39 do Jardim Carlos Lourenço 2a. parte.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 30 de Setembro de 1981.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico - Legislativa da Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado N.o. 6545, de 27 de fevereiro de 1.981, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 30 de Setembro de 1981.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito

(Denominação dada pelo Decreto 6713 de 30.09.1981, item III, à Rua 28 do Jardim Carlos Lourenço - 2a. parte, com início na Rua 27 e término na Rua 35 do mesmo loteamento).



O sonho de Myriam

Arita Damasceno Pettená

Conheci Myriam numa entrega de prêmios. Ela a primeira classificada num concurso de contos. Eu arrebatando um segundo lugar em poesia. Tornamo-nos amigas. Muito amigas. O Clube dos Poetas uniu-nos mais ainda. Myriam continuou vencendo outros certames. E nós, seus companheiros, orgulhavamo-nos de possuir, entre nós, alguém que, em meio a tantas manchetes sensacionalistas, conseguia publicar estórias de amor totalmente desvinculadas da realidade brutal de nossos dias.

Suas personagens, sempre revestidas daquela aura de fantasia e de sonho, faziam-nos, sem que percebêssemos, participantes de seu pequeno universo. E ora nos víamos numa cadeira de balanço, ora divagávamos diante das bolas coloridas de uma árvore de natal.

Um dia tentei traçar-lhe o perfil. Falar da honestidade com que encarava seu trabalho. Da responsabilidade que lhe era nata quando assumia uma tarefa que lhe exigia, sobretudo dedicação. Myriam sentiu-se orgulhosa. Sentiu-se mesmo — como era de seu feitio — imensamente grata. Pediu-nos, entretanto, que aguardássemos a hora oportuna. Quem sabe se o momento propício não seria o do lançamento de seu sonhado livro de contos? Este afinal era seu mais lídimo e acalentado sonho.

Depois... depois a própria vida, por razões contrárias à nossa vontade, se encarregou de separar-nos. Myriam, a contista nata, a poetisa que se formara em nosso ambiente, passou da literatura às apresentações de grupos de balé. Por longo tempo nosso contato foi quase que impossível. E as notícias, muito esparsas, chegavam-nos de quando em quando. Até que um dia soubemos de sua doença, de seu desejo imenso de nos ver outra vez.

Ah! quanta emoção naquele quarto de hospital! Myriam parecia querer extravagar em meia-hora, toda a ternura guardada no silêncio de tantos longos anos. Ela tinha pressa de nos dizer o quanto nos amava

e confessava, ao mesmo tempo, o receio de que nunca fosse possível esse reencontro.

Voltamos ao hospital e à sua casa algumas vezes. Sempre levando nossa mensagem de esperança, nossa palavra de otimismo. Comunicando-lhe, sobretudo, que por ela velava constantemente, nosso grupo de oração. E Myriam sentia-se feliz imensamente feliz, com essa nossa manifestação de carinho.

Veio o inevitável. Um caixão que se instala em meio à sala. Flores a cobrir um corpo já sem vida. O padre que fala, lembrando Paulo, que "a morte é vida". É alguém que parte sem dizer adeus. São os amigos que ficam a auscultar-lhe os sonhos. E o sonho, o grande sonho de Myriam, era ver um dia publicado seu livro de contos. Que tal se essa idéia que parte de nós se tornasse, nesse instante, iniciativa de todos?

Mais que nome de rua, que as personagens todas que lhe possamos tributar, que os sonetos que, espontaneamente, brotaram de poetas irmãos — e Jolumá, vendo seu rosto triste à hora da partida, comparou-a "a uma vitória régia vogando pelo rio como uma flor egrégia" — possamos nós, seus amigos, transformar o sonho de Myriam de Nazaré Vilela de Queiroz em palavra viva.

E como não mais as páginas de jornal se abrirão para seus poemas, para suas estórias de amor, deixamos, neste final de crônica, como homenagem última a sempre premiada contista estes seus versos de "Quanto te amei", declamados à beira de seu túmulo por Honório Chiminzazzo e que tantas lágrimas arrebataram de todos os presentes: "Agora eu sei quanto te amei!/ Agora que tudo é cinza do passado morto/ e a saudade se une ao desconforto/ de se viver e amar na solidão.../ Ao lento compasso das horas fugidas,/ assim nascem e morrem os meus dias,/ crepúsculos e auroras sem cor./ Agora eu sei quanto te amei!/ No prenúncio desta noite triste,/ esta saudade em mim persiste:/ na vigília da recordação..."

(Recorte do "Correio Popular" de 15-março-1981)



Ha certas pessoas de valor que se escondem atrás de sua modesti, de sua simplicidade, com que reveste todos os atos de sua vida, não transparecendo atrás do tempo senão a bondade, o amor, o interesse pelo bem que pratica, ou coisas que faz. Essa moça, Miriam de Nazareth Vilela de Queiroz, pequenina mas ativa, era dona de uma bondade que se irradiava através de seus gestos de consideração principalmente pelos animais. Era uma criatura, que, também fundadora da Sociedade Protetora dos Animais em Campinas, que vive modestamente, com uma diretoria em que também avulta a senhora Karolina, pseudônimo de uma dama de nossa sociedade, que se esconde, também modestamente, como toda mulher de bom coração, --- atrás de um pequeno canil onde recolheram, ela e Miriam, dezenas de cães que perambulavam, mortos de fome, pelas ruas de Campinas. E também os gatos: deste cuidava Miriam com o máximo cuidado, alimentando alguns ali na Praça D. Pedro II, a quem levava diariamente uma refeição, quando ela não os recolhia para seu lar, onde chegou a ter mais de quinze desses animais.

Miriam de Nazareth Vilela de Queiroz nasceu em Campinas, em um dia 30 de novembro de um ano qualquer, filha do sr. Sebastião Penteado de Queiroz e de dona Araci Vilela de Queiroz, de tradicionais famílias da cidade. Moça simples, conforme escrevemos, estudiosa, --- começou seus estudos primários e os concluiu no Colégio Santa Escolastica, na cidade de Sorocaba, deste Estado e completadas as primeiras letras, quando sua família já então moradora de volta ao seu berço natal, entrou para o Colégio São Luiz, de onde saiu com o diploma de contadora. Mas, nunca chegou a exercer seu cargo pois que, pouco depois entrava como secretária na Aliança Francesa, de onde saiu para ingressar no mesmo cargo e desempenhar, com desenvoltura, o importante mister nos Rôtaris Clubes de Campinas, onde permaneceu durante catorze anos. Durante toda sua vida, Miriam nunca deixou de ser uma sonhadora, principalmente com as letras --- dedicando-se a contista. Era de fato uma criadora de contos que lhes deram grande popularidade. Venceu nada menos de cinco concursos no "Diário do Fovô" de nossa cidade, recebendo também como primeiro prêmio os laureis que lhes foram conferidos em São Caetano do Sul. Na sociedade carpineira onde sempre foi benévola o seu

temperamento amor vel e comunicativo para com todos que dela se acercavam e onde, aos poucos, aprendeu a composicao de versos inspirados, deixando alguns poemas em seu aervo, que nunca foram publicados. Foi co fundadora do Cluge dos Poetas, no Centro de Ciências Letras e Artes e também co fundadora do Centro de Poésia e Arte, cujos alicerces foiram lançados em sua residencia, a rua Barao de Anhumas n.200, junto ao Bosque dos Jequitibas. Como se vê, pequenina e modesta conforme escrevemos, Miriam de Nazareth Vilela de Queiroz bem mereceu toda as homenagens - que recebeu após sua morte, muito dolorosa para os meios intelectuais de Campinas, ocorrida em 7 de fevereiro de 1981.

...